

## **Antônio Luís Saião**

Foi a 31 de Março de 1903, à mesma hora em que a Federação Espírita Brasileira comemorava a desencarnação de Allan Kardec, que Saião docemente se despiu das prisões da carne, passando desta vida para a outra, onde se juntou à coorte luminosa dos amigos que o precederam, entre eles Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Isabel Maria Sampaio, Manuel dos Santos Silva e outros que com ele formaram o primitivo Grupo dos Humildes (depois Grupo Ismael), então sob a sua direção.

Sua vida de espírita foi um exemplo de modéstia, humildade, abnegação e sobretudo de fé cristã. Portou - se verdadeiramente como servo do Senhor, aproveitando todas as ocasiões para aconselhar e esclarecer tanto a encarnados como a desencarnados.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1829, filho de Francisco Luís Saião. «Talentoso e aplicado», conforme a ele se refere o muito ilustre Dr. J. L. de Almeida Nogueira (in «A Academia de S. Paulo - Tradições e Reminiscências - Estudantes, Estudantões, Estudantadas », S. Paulo, 1909), Antônio Saião diplomou-se em Ciências Jurídicas na capital de S. Paulo.

Retornando ao Rio, exerceu a advocacia por muitos anos.

Conservou, depois, seu escritório à Praça da Constituição (atual Pça. Tiradentes) nº. 46, embora não mais advogasse.

### **COMO SE TORNOU ESPÍRITA**

Damos a seguir, pela própria pena de Saião, a narração que ele fêz sobre a sua conversão ao Espiritismo, e que foi publicada em Reformador de Junho de 1891:

#### **Meu caro irmão:**

Vós me pedistes e eu vos prometi a narração de qualquer fato escrupulosamente verdadeiro que se tenha dado comigo, para que o meu testemunho sirva de garantia à verdade da Doutrina Espírita, para convencer os incrédulos por ignorância ou por sistema.

De que servem tais esforços, principalmente para os últimos?

Entretanto, para dar-vos uma prova da minha obediência, vou, sem a mínima pretensão de escritor e ao correr da pena, narrar-vos o que se deu comigo, só me preocupando com ser fiel à verdade.

Corria o ano de 1878, para mim triste, cheio de aflições e amarguras, que só me dava lenitivo o verter das lágrimas. Eu não cessava de implorar a misericórdia divina, crença que ao despertar da razão achei implantada em meu ser.

Ao mesmo tempo, aprontava-me para, logo depois do dia fatal, que esperava, retirar-me para a Europa com meu filho, então de treze anos de idade, em busca de resignação.

Os sofrimentos de minha mulher, que, mais ou menos, datavam de seis anos, haviam-se agravado ao ponto de seu médico assistente afirmar-me que o termo fatal se aproximava. Igual juízo e prognóstico fêz o meu íntimo amigo Dr. Geraldo Motta.

Imagine-se o estado de meu pobre espírito, passando noites inteiras a velar à cabeceira da mulher a quem idolatro, cheio de apreensões. No dia 11 de Setembro daquele mesmo ano em que, exausto de forças, transido de amarguras, procurava respirar o ar da manhã na Praça da Constituição, encontrei-me com o Sr. Cândido de Mendonça, empregado no Foro, que, penalizado de me ver chorando, aconselhou-me que procurasse um meu colega, que, na travessa do Ouvidor, oferecia remédios homeopáticos para as moléstias consideradas incuráveis, com resultados espantosos.

Agradecendo-lhe a parte que tomava na minha dor, respondi-lhe que não podia submeter minha mulher ao tratamento de um homem distinto, é verdade, como o conhecia, porém estranho completamente à ciência médica, quando eu tinha os recursos que me podiam oferecer as notabilidades que já a tinham desenganado.

O Sr. Cândido de Mendonça, como um enviado da Providência, insistiu com um interesse que me surpreendeu, dizendo-me afinal que, se nos casos desesperados e desenganados pelos homens da ciência, era desculpável darmos os remédios de um sertanejo ignorante, quanto mais tratando-se de um homem conhecido, notável e já afamado por curas em casos idênticos; pedindo-me que pelo menos me certificasse dessa verdade para justificação do que me referia.

Pois bem, no dia seguinte (12 de Setembro de 1878), às onze horas da manhã, compareci à travessa do Ouvidor, onde encontrei aquele colega e mais alguns que o ajudavam, havendo grande número de pessoas, umas recebendo remédios, outros à espera de sua vez, todos alegres e contentes, referindo os milagres das aplicações que fazia com caridade evangélica o homem assaz conhecido, por ser um literato distinto, titulado com carta de Bacharel em Direito, tendo já ocupado os cargos de Presidente de Província, Deputado à Assembleia Geral, porém, completa e absolutamente estranho à ciência médica.

Esse espetáculo, preciso confessar. porque é meu propósito dizer toda a verdade, edificou-me no meu espírito, aniquilado então, com tais proporções, que o sorriso de mofa e de crença tornou-se-me em uma contemplação mística, que só pode ter um espírito cheio de fé em um Templo de Caridade, presidido por um Ente divino.

Ao tocar a minha vez, eu disse que ia procurar remédios para minha mulher.

Respondeu-se-me que só se davam remédios aos pobres, e a esses mesmos quando desenganados por moléstias julgadas incuráveis.

Insisti, pedindo que me valesse por caridade, porque minha mulher estava desenganada, certificando-lhes que era essa a minha última esperança, e sem que me deixassem referir a moléstia de que sofria minha mulher, tendo-se-me pedido só o seu nome, eu vi deitar em dois vidros, cheios de água, algumas gotas de tintura homeopática, que me foram entregues para dar à enferma.

Ainda me revoltei, a princípio, pelo fato de não se querer averiguar dos sofrimentos e nem ao menos indagar do diagnóstico dos médicos, mas era com efeito a minha última esperança e fui portador desse presente do Céu, que, ao ser administrado à enferma, deu-lhe logo alívios extraordinários e, depois de alguns anos de aplicações emanadas da mesma fonte, obtive como resultado a vida e a saúde que até hoje desfruto; até hoje, há doze anos!

Diante de fato tão extraordinário e tão real, fato corroborado por muitíssimos outros que fui presenciando dia a dia, tomei o firme propósito de só formar juízo depois de estudo sério e refletido. E' assim que tratei de estudar com os livros do Mestre, e com muitos outros de menor importância, a Revelação da Revelação sobre os quatro Evangelhos, recebida dos Espíritos e coordenada por Roustaing. Tratei igualmente da verificação prática, trabalhando regularmente, durante dois anos, com médiuns que reuni em uma sala para isto especialmente construída em minha residência.

Foi nestes trabalhos que verifiquei todas as verdades expendidas na referida obra de J. B. Roustaing.

Dentre muitos fatos que ai se deram, recordo-me de que o habilíssimo professor de Filosofia, J. Rodrigues de Macedo, admirado de ver-me fazer parte de uma sociedade de visionários, segundo sua opinião, pediu-me para assistir a uma sessão, e, por intermédio do médium Frederico, o pai dele, falecido há anos, em São João do Príncipe, dirigiu-lhe uma

felicitação com letra firme, semelhante à sua, o que foi reconhecido e declarado pelo filho absorto na contemplação desse impossível!

Foi finalmente neste grupo que eu tirei a prova cabal e satisfatória de todos os fatos tidos como sobrenaturais para quem ignora as causas e cuja verdade pode ser atestada pelos meus companheiros, muito mais adiantados na doutrina: Bittencourt, Frederico, Nascimento, Santos, Neto, Campos, e Couto, que ainda vivem, além de Isabel Sampaio, Silva, Borges, Gama, Leite, que, desencarnados, já se têm certificado da verdade de tudo que nos foi ensinado.

Mas, meu irmão, depois de tanto ter-vos escrito, vejo que me distrai do fato, um dos últimos e um dos importantes que mais efeito produziu no meu espírito e que por isso mesmo não posso omitir.

Constituído esse escritório como templo de caridade, em que Bittencourt dava remédios aos pobres desenganados pelos médicos, tornou-se ele o médico de nossa família, com tal êxito que as moléstias, as mais insignificantes como as mais complicadas, foram sempre combatidas com o mesmo esplêndido resultado, o que foi presenciado até por alguns médicos, nossos íntimos amigos propósito dizer toda a verdade, edificou-me no meu espírito, aniquilado então, com tais proporções, que o sorriso de mofa e de crença tornou-se-me em uma contemplação mística, que só pode ter um espírito cheio de fé, em um Templo de Caridade, presidido por um Ente divino.

Ao tocar a minha vez, eu disse que ia procurar remédios para minha mulher.

Respondeu-se-me que só se davam remédios OS pobres, e a esses mesmos quando desenganados por moléstias julgadas incuráveis.

Insisti, pedindo que me valesse por caridade, porque minha mulher estava desenganada, certificando-lhes que era essa a minha última esperança, e sem que me deixassem referir a moléstia de que sofria minha mulher, tendo-se-me pedido só o seu nome, eu vi deitar em dois vidros, cheios de água, algumas gotas de tintura homeopática, que me foram entregues para dar à enferma.

Ainda me revoltei, a princípio, pelo fato de não se querer averiguar dos sofrimentos e nem ao menos indagar do diagnóstico dos médicos, mas era com efeito a minha última esperança e fui portador desse presente do Céu, que, ao ser administrado à enferma, deu-lhe logo alívios extraordinários e, depois de alguns anos de aplicações emanadas da mesma fonte, obtive como resultado a vida e a saúde que até hoje desfruta; até hoje, há doze anos!

Diante de fato tão extraordinário e tão real, fato corroborado por muitíssimos outros que fui presenciando dia a dia, tomei o firme propósito de só formar juízo depois de estudo sério e refletido. E' assim que tratei de estudar com os livros do Mestre, e com muitos outros de menor importância, a Revelação da Revelação sobre os quatro Evangelhos, recebida dos Espíritos e coordenada por Roustaing. Tratei igualmente da verificação prática, trabalhando regularmente, durante dois anos, com médiuns que reuni em uma sala para isto especialmente construída em minha residência.

Foi nestes trabalhos que verifiquei todas as verdades expendidas na referida obra de J. B. Roustaing.

Dentre muitos fatos que ai se deram, recordo-me de que o habilíssimo professor de Filosofia, J. Rodrigues de Macedo, admirado de ver-me fazer parte de uma sociedade de visionários, segundo sua opinião, pediu-me para assistir a uma sessão, e, por intermédio do médium Frederico, o pai dele, falecido há anos, em São João do Príncipe, dirigiu-lhe uma felicitação com letra firme, semelhante à sua, o que foi reconhecido e declarado pelo filho absorto na contemplação desse impossível!

Foi finalmente neste grupo que eu tirei a prova cabal e satisfatória de todos os fatos tidos como sobrenaturais para quem ignora as causas e cuja verdade pode ser atestada pelos meus companheiros, muito mais adiantados na doutrina: Bittencourt, Frederico, Nascimento, Santos, Neto, Campos, e Couto, que ainda vivem, além de Isabel Sampaio, Silva, Borges, Gama, Leite, que, desencarnados, já se têm certificado da verdade de tudo que nos foi ensinado.

Mas, meu irmão, depois de tanto ter-vos escrito, vejo que me distrai do fato, um dos últimos e um dos importantes que mais efeito produziu no meu espírito e que por isso mesmo não posso omitir.

Constituído esse escritório como templo de caridade, em que Bittencourt dava remédios aos pobres desenganados pelos médicos, tornou-se ele o médico de nossa família, com tal êxito que as moléstias, as mais insignificantes como as mais complicadas, foram sempre combatidas com o mesmo esplêndido resultado, o que foi presenciado até por alguns médicos, nossos íntimos amigos.

Um dia, cuja data me escapa, tendo-se Bittencourt retirado de nossa casa, seriam cinco horas da tarde, como era de costume, veio da rua o nosso criado Celestino gravemente doente com sufocação e síncope que pediam socorros imediatos e enérgicos, o que nos desassossebou muito, de sorte que eu, minha mulher e todos da casa mentalmente

lastimávamos a ausência de Bittencourt, tanto mais quanto ignorávamos onde se pudesse encontrá-lo e se em tempo de salvar o enfermo. Recordo-me eu que nesse estado aflitivo disse mentalmente: «Bittencourt, onde quer que te aches, vem valer-nos nesta aflição», e, dentro em pouco tempo, ouvimos batimentos fortes na porta e a voz de Bittencourt que nos chamava «abram, que querem de mim?», e, entrando precipitadamente, levamo-lo à cabeceira do Celestino a quem deu alívio em poucos momentos. Contou - nos então que, achando-se a jantar com alguns amigos em um hotel, fora despertado por nossos chamados angustiosos, e pressuroso viera acudir-nos.

E assim, meu irmão, para não abusar por mais tempo da vossa benevolência, porque, como esses, muitíssimos fatos vos podia referir, finalizo esta já tão extensa carta, asseverando-vos que dessa época em diante, convencido da verdade da Santa Doutrina Espírita, professo-a por convicção feita pelo meu estudo e pela minha experiência de doze anos, sem me embaraçar o juízo que de mim possa fazer este ou aquele sábio.

Não longe vem o tempo da confirmação de tudo que se nos disse e de tudo que se nos mostrou a respeito da sagrada Doutrina do Justo: e bem-aventurados os que na hora suprema tiverem o Cristo em seu coração, porque esses verão a luz em todo o seu esplendor.

Do vosso humilde irmão,

o advogado ANTONIO LUIZ SAYAO."

#### UMA EXPERIÊNCIA COM O MÉDIUM SLADE

Quando O famoso médium norte-americano Henry Slade esteve no Rio de Janeiro, em 20 de Junho de 1888, uma Comissão da Federação Espírita Brasileira dirigiu-se certo dia ao local onde ele se hospedara.

Eis, a seguir, o relato do que aconteceu nessa visita, feito por Bezerra de Menezes nas páginas do Reformador de 15 de Março de 1889:

«Seria uma hora da tarde, quando eu, o Dr. Saião, o médium Nascimento e o professor Alexandre nos apresentamos na casa de pensão, morro da Glória, onde se achava Slade hospedado. Acolhidos amavelmente, ficamos na sala de recepção.

Nascimento e Alexandre, levando-nos a mim e a Saião para uma saleta, onde havia uma mesa, sobre a qual estavam duas ardósias.

Deu uma a Saião e outra a mim, para que as examinássemos e limpássemos, o que foi feito com o maior cuidado, e, sem que mais permitíssemos que Slade nelas tocasse, demos princípio ao trabalho.

A saleta tinha uma janela aberta para fora, de modo que a luz do dia lhe dava a mais completa claridade.

Slade mandou Saião depor sua ardósia sobre a mesa, pôs sobre ela uma insignificante porção de lápis, e disse-me que assentasse a minha ardósia sobre a outra, de modo que a partícula de lápis ficou entre as duas.

Feito isto, mandou-me tomar as duas pedras com a mão direita, de modo a tê-las unidas, e levou minha mão com as pedras. à altura do meu ombro esquerdo, onde as apoiei.

Slade colocou suas duas mãos sobre a mesa, e com as duas de Saião e a minha esquerda livre formou a cadeia magnética.

Começamos a ouvir estalidos na mesa, e em menos de dois minutos ouvimos, entre as pedras, bem sensivelmente, o cricri do lápis.

Assim que cessou o ruído, eu abri as pedras, e encontrei, na face interna de uma, duas comunicações, separadas por um traço de lápis.

A primeira, assinada por L. de Mond, estava escrita em francês, e dizia:

«Un homme sage est QIU dessus de toutes les injures qu'on peut lui dire. La grande response qu'on doit faire aux outrages c'est la moderation et la patience.

Parece que o Espírito escolheu um conceito adequado às minhas condições.

A segunda, escrita em inglês, continha estas palavras:

«YeS, mty friend, flhe above i8 quite tTtuzf aU men iooulâ act to tbe above it would be much. better for all. l'om. Dr. Daois .»

Por minha honra afirmo que este fato estupendo passou-se como o refiro, e o pode confirmar o ilustre Dr. Saião.

Não tendo as pedras, que limpámos, saído de minhas mãos, e tendo eu ouvido claramente o ruído do lápis sobre o meu ombro, tenho certeza de que nenhum dos três presentes foi autor daquelas notáveis comunicações.

(a) Dr. BEZERRA DE MENEZES."

o «GRUPO ISMAEL»

A Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade, fundada em 23 de Março de 1876, vivia nos anos de 1879 a 1880 num ambiente de discórdias decorrentes da vaidade e do orgulho de alguns dos seus membros, que chegaram mesmo a mudar o título da referida associação para Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.

Já antes, dela haviam saído duas sociedades, que desapareceram em 1879: «Congregação Anjo Ismael», surgida em 20 de Maio de 1877, e o «Grupo Espírita Caridade », instalado em 8 de Junho de 1878. Em virtude dos últimos fatos, certos componentes se apartaram dela, e fundaram em 1880 o Grupo Espírita Fraternidade.

Numa tentativa de conciliação cristã, Saião, unido a bons companheiros, convida a todos para uma reunião a 6 de Junho de 1880. A ela compareceram vinte e quatro membros de ambas as Sociedades, os quais procuraram estudar diversos problemas, objetivando a união para mais eficiente divulgação da Doutrina.

Apesar dos esforços e da boa vontade de Saião e dos prudentes conselhos dos Guias espirituais, os membros presentes às reuniões não souberam conservar aquele espírito que o Evangelho ensina. Cada qual emitia seu ponto de vista, sem aquela tolerância que Kardec praticou, e em pouco tempo a desarmonia se acentuou, a todos convencendo da improbabilidade de se chegar ao resultado em mira.

Diante de tudo isto, Saião, inspirado pelos Maiores da Espiritualidade, funda um Grupo destinado ao estudo e à prática dos Evangelhos (denominado «Grupo Ismael», desde que se incorporou à Federação Espírita Brasileira), cuja primeira reunião data de 15 de Julho de 1880, em seu escritório, à rua Luís de Camões, num sobrado, junto ao antigo n° 5. Dessa primeira sessão participaram, além de Saião, como diretor dos trabalhos, os seguintes médiuns, todos de grande fé e de elevada moral: Frederico Pereira da Silva Júnior, João Gonçalves do Nascimento, Manuel Antônio dos Santos Silva, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio e sua esposa Isabel Maria de Araújo Sampaio. Vários Espíritos Superiores se fizeram ouvir nesta memorável noite, entre eles o glorioso Ismael, que assim principiou sua mensagem, por intermédio do médium Frederico:



«Assim é, amigos e companheiros de trabalho: eu folgo, eu me rio de contentamento quando vos vejo reunidos, empregando todos os esforços, na altura de vossas forças, para reabilitar o Espiritismo ainda em começo no Brasil, e no entanto já desnaturado pelos homens que não se sabem governar pela razão e pelo bom-senso, pelas leis traçadas pelo Divino Mestre.

«Eu folgo e me junto convosco para ver se podemos realçar os brilhos dessa doutrina por sobre a Humanidade inteira, até hoje esquecida das lições do Divino Mestre.»

As reuniões do Grupo eram realizadas às sete horas da noite, no mesmo horário das de hoje, e aquele núcleo evangélico dentro de pouco tempo ficou conhecido como o «Grupo dos Humildes», ou «Grupo do Saião».

Inúmeras instruções foram fornecidas posteriormente pelos Guias, sendo que na segunda sessão o Espírito de Frei José dos Mártires comunica estar encarregado de auxiliar «o irmão Saião em seus trabalhos», devido aos laços que a ele o prendiam, de passadas existências.

Estava assim consolidada no Brasil a célula mãe do Anjo Ismael, cuja existência já vai para quase um século, e onde milhares e milhares de Espíritos têm encontrado a estrada da salvação. Nesse Grupo, Ismael estabeleceu a torre de defesa de toda a Federação Espírita Brasileira.

## **SEUS LIVROS**

"Neles encontrar eis o que há de mais adiantado em Espiritismo, colhido na seara bendita, com a alma cheia de amor, humildade e fé, as virtudes que enastam a coroa do discípulo de Jesus, votado à obra do Mestre Divino, com o coração cheio de energias e de caridade evangélica." - Bezerra de Menezes.

Saião, mais tarde, em 1893, reuniu os trabalhos processados em cinquenta e nove sessões, repletos de belíssimas e instrutivas comunicações dadas por Espíritos de grande luz, e deu publicidade a um livro de 400 páginas, intitulado: «TRABALHOS Espíritas de um pequeno grupo de crentes humildes».

Passam-se os anos, e em Janeiro de 1897 Saião publica mais um livro de sua lavra: «ESTUDO DOS EVANGELHOS em espírito e verdade», obra que em 1902 saiu em segunda

edição refundida e aumentada, agora com novo título, que até hoje conserva: «ELUCIDAÇÕES EVANGÉLICAS à luz da Doutrina Espírita».

Datado de Abril de 1896, há um excelente prefácio de Saião dirigido ao leitor e que assim principia:

«Da árvore do bem, a cuja sombra repousei um dia, cansado das fadigas de uma existência atribulada, colhi os dulçurosos frutos, que hoje convosco reparto.

«Em maior abundância quisera dar-vo-los ; infelizmente, a hora da colheita não foi ao levantar da aurora, mas sim ao cair da tarde.

«Poucos, esses mesmos não seriam colhidos, se de Jesus a luz bendita não viesse afugentar da noite as trevas, que já se aproximavam no horizonte e que me envolveriam em meio dos meus labores.

«As páginas deste humílimo livro simbolizam os frutos de que vos falo. Nelas encontrar eis as doçuras de uma outra vida; nelas encontrareis o remanso das vossas dores, se porventura sofreis .»

Reformador de 1 de Fevereiro de 1897 publicou longa crítica sobre o livro recém-aparecido, da qual extraímos estes breves trechos:

«Altíssima é a missão dos que foram escolhidos para fazerem na Terra a obra de Deus: a divulgação do Evangelho segundo o Espiritismo; e dentre aqueles missionários espalhados por toda a Terra levantaram - se, entre nós, Bittencourt Sampaio, com a sua Divina Epopeia, e Antônio Luís Saião, com os Estudos dos Evangelhos.

«Aquele limitou seu trabalho, que é monumental, ao Evangelho de São João. Este ergueu seu monumento sobre os de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas.

Um completa o outro e ambos dão a luz, que a geração hodierna pode suportar, sobre a doutrina cristã, cujos horizontes se estendem, como é de mister, àquela luz, ao magno esforço dos dois atletas da revelação espírita. »

«Seus trabalhos podem ser ditos: perfeito resumo da interpretação dos Evangelhos em espírito e verdade, segundo Roustaing, corrigido e aumentado em certos pontos, sempre sob a assistência dos Altos Espíritos.»

«o Reformador felicita o autor, felicita os espíritas, felicita a Humanidade, pelo aparecimento de mais um astro de luz no horizonte da Terra!»

Bezerra de Menezes, sob o pseudônimo de Max, respondendo, pela Gazeta de Notícias de 6 de Abril do mesmo ano, a uma consulta quanto à adoção das obras de Saião nos Grupos Espíritas, fez extensa e luminosa exposição esclarecedora, comparando Kardec e Roustaing, e, ao referir-se às Elucidações Evangélicas, declarou «o livro de Saião é um resumo do Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec.

«É, portanto, correto e adiantado, sob o ponto de vista doutrinário - e é claro e conciso sob o ponto de vista do método.

«Por outra: contém as ideias de Roustaing e o método incomparável de Allan Kardec.

«Quem compreende a progressividade da revelação não pode recusar preito a Roustaing - e quem quiser colher, em Roustaing, os frutos preciosos de sua inspiração, muito lucrará estudando o livro (os livros) de Saião.

«E chave de ouro, que ninguém deve desprezar e que, além de ser tal, encerra observações e práticas que, por si só, recomendariam o hercúleo esforço do Anteu do Espiritismo no Brasil.»

#### **ALGUNS EXCERTOS DE SAIÃO**

«o Evangelho é o livro do coração; cura as feridas do sentimento, porque destila o amor de Jesus - Cristo; consola o desconforto dos aflitos, porque dele se evolva a essência da verdade divina, gradativamente propiciada aos filhos de Deus, para a escalada gloriosa do futuro. Por ele, é certo, aumenta a criatura o seu patrimônio intelectual, com conhecimentos puramente espirituais; porém, a sua finalidade máxima é formar o patrimônio moral da Humanidade.»

«Todas as pessoas que almejam ser espíritas devem convencer-se de que a Doutrina Espírita veio cumprir a grandiosa missão de conduzir a Humanidade à perfeição, a essa perfeição que impulsiona o homem a amar o seu Mestre, o seu Salvador.»

«A Doutrina Espírita é a fonte donde sai a água viva para saciar a sede, qual a oferecida por Jesus à Samaritana, e que virá a ser, em quem a beba, uma fonte de água, que salte para a vida eterna (João, 4:10 a 14).»

«A Doutrina Espírita, como ciência, nos ensina a conhecer as causas e os efeitos, aplicando o critério da nossa razão, com as regras da lógica e os princípios das verdades demonstradas; e nos dá o conhecimento, a compreensão, a consciência, a convicção das verdades eternas. E sobre essa base sólida construímos o edifício inabalável das nossas crenças, da nossa fé, das nossas esperanças, da justiça, da piedade e, assim, temos o fio que nos liga a Deus. Essa ligação, profunda, íntima, nos impõe um culto, qual o que não podemos deixar de render a tudo que é grande, imponente e sublime!»

«Eis em que consiste a religião; eis a razão por que dizem a verdade os que sustentam que o Espiritismo é uma ciência e ao mesmo tempo uma religião.»

«Toda a nossa felicidade está na verdadeira orientação traçada por Nosso Senhor Jesus-Cristo, isto é, na prática dos seus ensinamentos, bebida diretamente na fonte pura dos seus Evangelhos, entendidos em espírito e verdade, como nos ensinam as Estrelas que baixam do Céu, representantes do Consolador, do Espírito da Verdade.»

«A verdadeira orientação do espírita está em estudar, compreender e praticar os Evangelhos e assim limpar o seu coração, para dele fazer o tabernáculo onde habite Jesus.»

### **SUA DESENCARNAÇÃO**

Estava o grande trabalhador da causa espírita com setenta e quatro anos de peregrinação terrestre, quando repentina enfermidade, de alguns dias apenas, o convocou para a pátria espiritual, para a vida imortal.

Era ele uma voz ponderada e firme na pregação dos princípios evangélicos, e devemos frisar que sob este aspecto o Espiritismo no Brasil muito lhe deve.

No Além, seu luminoso Espírito continua, como ardoroso apóstolo do Evangelho, a edificar filhos transviados da Verdade, tão só com o amor que espontaneamente se lhe irradia do coração.

Sob o pseudônimo de «Discípulo de Max», a alma bondosa de Pedro Richard apologizou (e ninguém melhor o faria), com sinceridade e justa admiração, a existência e a obra do venerando pregador cristão, de quem fora por longos anos companheiro fiel e a quem sucedeu na direção do «Grupo Ismael».

E' uma página rica de ensinamentos, e que não poderemos deixar de aqui transcrever do «Reformador» de 15 de Abril de 1903:

«Mais um trabalhador da santa cultura de Nosso Senhor Jesus-Cristo cai na arena.

Tomba o corpo, mas surge o Espírito em toda a plenitude da vida, pujante e forte, e cheio da misericórdia que a mancheias derrama o nosso Divino Mestre sobre todos os seus discípulos, que, à custa de lutas encarniçadas contra os arrastamentos da matéria e preconceitos sociais, e de sofrimentos necessários e sempre merecidos, de fracos se fizeram fortes, de pequenos se fizeram grandes.

A vida de um justo é sempre um exemplo a seguir - se.

E' preciso que a família espírita conheça a vida dos seus irmãos, que nesta peregrinação souberam cumprir o seu dever de verdadeiros cristãos, a fim de que exemplos tão salutares possam ser aproveitados pelos nossos espíritos, que, assim estimulados, hão-de procurar imitá-los.

Ontem era Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Maia de Lacerda, etc.; hoje é Saião que, abandonando o casulo grosseiro da matéria, surge dourada borboleta a singrar o espaço infinito, em busca da Grande Luz.

Agora, que desapareceu o homem e que, portanto, já não pode ser atingido pelo orgulho e pela vaidade, podemos falar abertamente dos seus feitos, para que sirvam de lição à família espírita.

Antônio Luís Saião pediu ao nosso Criador a maior e a mais perigosa das provas que pode um Espírito pedir: a riqueza material, comprometendo-se, porém, a adquiri-la à custa de muito trabalho e a fazer-se espírita, para pregar a doutrina de Jesus, pelos exemplos de toda a ordem, notadamente pelo desprendimento dos bens terrestres que lhe fossem proporcionados pela riqueza adquirida. E, de fato, é a riqueza a prova mais perigosa e o compromisso mais sério que pode um Espírito tomar, pelos embaraços cruéis que lhe opõem os dois grandes inimigos da alma: o orgulho e a vaidade, além das exigências a que todo instante nos obriga uma sociedade, como a nossa, sem crença e sem moral.

Para se avaliar a grandeza da prova pedida por Saião, basta que nos lembremos das palavras de Jesus aos seus apóstolos, a propósito do mancebo rico que o consultou sobre o que necessitava fazer para salvar-se.

Disse o Divino Mestre aos seus discípulos, depois de aconselhar o moço: «Mais depressa passa um camelo pelo fundo de uma agulha, do que se salva um rico. »

Bem se vê que esta luminosa sentença não pode comportar a tradução servil que as letras lhe emprestam.

E' um tropo empregado por Jesus para significar à Humanidade a dificuldade com que tem de lutar um Espírito, que para esta existência trouxe a prova da riqueza, para se salvar. Notemos bem: a dificuldade e nunca a impossibilidade.

Pois, meus irmãos, graças ao nosso Pai, soube Saião desempenhar-se brilhantemente do compromisso que tomou, e salvou-se, porque perseverou até ao fim, tendo em toda a sua vida uma única preocupação: servir ao nosso Bom Senhor. E não é lícito pôr em dúvida a sua salvação, porque disse o Divino Pastor:

«Aquele que perseverar até ao fim, será salvo.»

\* Tracemos um bosquejo, se bem que imperfeito, da sua passagem pela Terra.

Antônio Luís Saião encarnou em meio muito pobre e só à custa de muitos sacrifícios materiais conseguiu formar-se em Direito, na Academia de S. Paulo<sup>1</sup>.

Quem desconhece o que é a vida de um estudante pobre, que nem livros tem para estudar, e que é obrigado a comer e a pagar a moradia à sua custa?! E o que veste e o que calça? Pobrezinho! usa a roupa e o calçado, ora um tanto apertados, ora mais largos, dos seus companheiros de república, que, generosos e bons, como sói ser a mocidade acadêmica, têm-no em geral em alta consideração. Nem uma vela para estudar à noite, nem um vintém no bolso! Enquanto os colegas se divertem nos teatros, bailes e serenatas, ele estuda à luz do lampião da sala da república, ou pede ao sono reparador o descanso de que necessita o seu corpo depauperado de forças nas lutas do dia.

Vencendo todas as dificuldades, formou-se em Direito e veio para esta capital exercer a sua profissão, e dela escolheu a parte mais simpática e mais sã, qual seja a defesa dos criminosos, da tribuna do Júri, que então era ilustrada pelos vultos eminentes de Busch Vareia, Ferreira Viana e outros luminares da jurisprudência, e que naqueles tempos souberam fazer renome.

Saião, enfrentando com tais competidores, jamais se deixou ficar na retaguarda e fêz-se notável advogado<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Atual Faculdade de Direito de S. Paulo. A sua turma é de 1848, e foram seus colegas Manuel Antônio Alvares de Azevedo, Antônio Aguiar Barros (futuro Marquês de Itu), Batista Caetano de Almeida Nogueira, Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, Antônio Gonçalves Gomide, Francisco Pinheiro de Escobar e outros nomes ilustres da época. Desta turma conseguiram formar-se apenas 21 bachareis, em 1852. - (Nota da Editora.)

## DISCIPULO DE MAX."

\* Trabalhador incansável e extremamente econômico, conseguiu fazer fortuna, poupando e guardando as parcas economias que lhe sobravam das suas restritas necessidades materiais.

Talento modesto, aliado ao desejo de bem servir ao Senhor, jamais se deixou atingir pelo orgulho e pela vaidade, ou pelas sugestões do fausto e da orgia. Seu vestuário sempre foi sério, simples e decente, sua alimentação sólida, parca e sóbria.

Em 1878, mais ou menos, se fêz espírita.

Teve então de travar luta titânica contra as suas tendências católico-romanas, não compatíveis com OS Evangelhos de Jesus, que acabava de abraçar, e, sobretudo, contra os preconceitos sociais - religiosos, que naqueles tempos pareciam insuperáveis.

Tomou para seu companheiro e mestre o seu colega Bittencourt Sampaio, que aqui na Terra tão bem soube orientá-lo e, no espaço, depois que para lá foi, melhor soube encaminhá-lo com seus conselhos diários e ampará-lo com a sua ascendência moral.

Feita a aliança espiritual entre os dois servos do Senhor, tiveram que lutar heroicamente contra as traiçoeiras ciladas que lhes armavam a todo o instante os Espíritos das trevas, com o intuito perverso de separá-los.

A luta foi encarniçada e tantos foram os estratagemas de que usaram os inimigos do espaço, para romper o laço que ligava esses dois espíritos aqui na Terra, que narrá-los é impossível. Mais de uma vez teve Saião de pôr em prova a sua humildade, para evitar que se quebrasse um só dos elos da cadeia que o prendia ao seu mestre e amigo.

Seu lar, nos tempos ignominiosos da escravidão, era o céu dos desgraçados que tinham pedido a prova de ser escravos.

Nele se acolhiam, para de escravizados ficarem livres, pois eram tratados pelo «senhor» como irmãos e amigos e se constituíram membros da sua família.

Que o digam os Moisés, os Celestinos e as Joanas, cujos filhos eram por ele acalentados e muitas vezes nos seus próprios braços entregavam o Espírito ao Criador.

---

<sup>2</sup> Em 7 de Fevereiro de 1858, era eleito membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro. - (Nota da Editora.)

Pela modéstia do seu viver e porque não se imiscuía nas lutas egoísticas dos homens, a sociedade, que não o compreendia, supunha-o usurário. Ele, usurário! ele que repartia prodigamente com os necessitados os seus haveres!

Mas, porque seguia o preceito evangélico: «a mão direita não deve ver o que dá a esquerda», Saião era um usurário!

Bem fizeste, amigo! Bem soubeste fazer!

A sua bolsa sempre esteve aberta à verdadeira necessidade.

Jamais irmão algum que lhe pediu pão, ou lhe solicitou abrigo, passou fome ou se viu privado de teto. Bastava saber onde estava a miséria, para que Saião corresse pressuroso a ampará-la.

Os seus atos de caridade são inúmeros. Cítá-los é impossível; descrevê-los, ocioso. Apenas me limitarei a contar um. Ei-lo:

Uma vez em que o médium Guimarães foi a um miserável quarto de certa casa, numa das ruas desta Capital, levar a uma pobre enferma os recursos mediúnicos que reclamava o seu estado de saúde, viu, ao entrar, que alguém se ocultara atrás da porta; instigado pela curiosidade, procurou ver quem era e pôde então lobrigar a cabeça do velho Saião, que ali fora repartir com a desgraçada a moeda material e levar-lhe ao mesmo tempo o conforto espiritual que com tanta dedicação soube haurir nos Evangelhos.

A sua vida espírita foi cheia de episódios e lutas impossíveis de descrever num modestíssimo escrito de jornal. Contudo, esforçar-me-ei por contar alguns.

Saião e Bittencourt Sampaio pertenceram à Sociedade «Deus, Cristo e Caridade» até o dia em que uma divergência determinou a saída dos membros que não se deixaram arrastar pelo orgulho da ciência. Foi então quando resolveram fazer, no dia 6 de Junho de 1880, uma reunião em sua casa, a fim de concertarem a respeito do destino que deveriam tomar, e o resultado foi a fundação do «Grupo dos Humildes», vulgarmente conhecido por «Grupo Saião», dirigido espiritualmente pelo anjo Ismael e materialmente por ele, Saião.

O que se passou na primeira fase desse Grupo está minuciosamente descrito no seu livro inicial, intitulado «Trabalhos Espíritas». Foi tempestuosa e, por isso, muitas lágrimas custou ao pobre do Saião.



A segunda fase foi mais calma e deu-lhe ensejo a que publicasse o seu segundo livro, que denominou «Estudos Evangélicos», livro que tantos e tão relevantes serviços tem prestado aos que se entregam ao estudo da Doutrina Espírita. Foi quando desencarnou o bom Bittencourt Sampaio.

Desde essa data entrou o Grupo na sua terceira fase, que não foi para Saião tão tempestuosa quanto a primeira, mas que se caracterizou pela luta que ele teve de sustentar com os Espíritos das trevas, quando o Grupo sucessivamente recebeu os livros «Jesus perante a Crisandade» e «De Jesus para as Crianças», ditados pelo Espírito de Bittencourt Sampaio e publicados por Saião, e iniciou o «Do Calvário ao Apocalipse» .

Ele pressentiu o termo da sua jornada sobre a Terra poucos dias antes da sua partida para as regiões espirituais.

Isto vos posso afirmar, leitor, pela sua seguinte previsão:

Tendo-se esgotado a edição dos «Estudos Evangélicos », ele os reeditou com o título de «Elucidações Evangélicas», e enriqueceu-o com muitas e belíssimas comunicações recebidas no Grupo, que vieram trazer aos diversos pontos evangélicos, por ele estudados, muita luz de intenso clarão.

Este livro saiu do prelo, e, apresentando um exemplar a um confrade, disse-lhe ele: «Este é o último canto do cisne.»

E o foi, de fato. Dias depois, deixava o fardo pesado da matéria e voava para a verdadeira pátria, onde foi receber do nosso Divino Mestre o prêmio de tanta luta e de tantos sacrifícios sofridos sem revolta nem queixume.

Se a sua vida foi um exemplo perene, digno de ser por nós imitado, a sua desencarnação não o é menos.

Durante a enfermidade que o acometeu, se acusava grandes sofrimentos, não se queixava jamais; ao contrário, dizia sempre que se fizesse a vontade de Deus!

O seu desprendimento foi calmo e mesmo sem contrações.

Desencarnou como um justo, balbuciando uma Ave Maria.

Assim vivem e assim desencarnam os verdadeiros discípulos de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

## **DISCIPULO DE MAX."**

Homenagem de um poeta Concluiremos este esboço biográfico com o soneto que, em vida, Casimiro Cunha, o brilhante bardo vassourense, dedicou ao extinto ANTONIO SAIÁO "Alma, trocaste a noite pela aurora!

Pomba, volveste ao teu pombal divino!

Rosa, desprendes um olor mais fino!

Astro, fulguras com mais brilho agora!"

Após a diurna lida o Sol fulgura Com mais vivo fulgor no firmamento,

E depois, reclinando a fronte pura

Num tálamo de fogo, altivo e lento,

Repousa, e na manhã seguinte, a escura

Noite espancando, e sacudindo ao vento

Feixes de luz, prossegue na cultura

Dos mornos raios que nos dão alento.

Assim, após a humana lida rude,

Volvendo em paz aos céus, onde a virtude

As forças da alma sem cessar renova,

Descansaste; e, decerto, mais fecundo,

Amanhã voltarás ao nosso mundo,

Incansável cultor da ciência nova!

Vassouras, Maio de 1903.

**Fonte:** Grandes espíritas do Brasil.